

L.M. III ANDORINHAS e pardais. O Estado de São Paulo, São Paulo, 17 nov., 1960.

ANDORINHAS 17/11/60
E PARDAIS
O Estado L. M.

Descrevendo uma partida de futebol realizada recentemente em Campinas, um locutor de TV falou na "cidade das andorinhas", para imediatamente retificar: "Ex-cidade, aliás; lá se foi o tempo em que elas existiam; agora só dá pardal".

Conheço pouquíssimo Campinas, onde só estive uma vez e quase de passagem; mas, a ser verdadeira a informação do "speaker" — e acredito que seja — é de se lamentar essa transformação ornitológica, que priva a velha cidade de um de seus aspectos mais característicos e encantadores, aliás já cantado em prosa e verso, inclusive pela pena austera e ilustre de Ruy Barbosa.

As andorinhas fazem parte da paisagem da minha infância; em nossa casa de Jacarepaguá, elas faziam ninhos, em bandos, no beiral do telhado, e sua migração periódica constituía um dos mistérios poéticos que inquietavam a minha imaginação de criança. Há um ano ou dois perguntei a meu irmão, que ainda tem uma charrinha naquele outrora bucólico logradouro da terra carioca: "Como é? Ainda há andorinhas?" E ele, desanimado: "Qual! Agora só dá pardal!" (Exatamente como o locutor).

De fato. Eu próprio o verifiquei. Nem mais um sabiá, um canário-da-terra, um avinhado, um coleirinha-do-brejo, uma simples cambaxirra para consolo; tico-tico, então, nem se fala. Beija-flores, que havia tantos, não vi nenhum. E as andorinhas da minha infância, em que ilha perdida, em que Pasárgada imaginária, foram fazer seus verões?

Em compensação, os pardais pululavam, irrequietos, assanhados, aos magotes, incômodos, barulhentos, desagradáveis, como moscas. Não se inventa um meio de acabar com essa praga?

Confesso que tenho uma grande ojeriza ao pardal: é um passarinho estúpido, vulgar, desgraçoso, ganancioso, daninho, de uma proliferação assustadora, e além do mais dotado de implacável instinto expansionista, quase poderíamos dizer de imperialista. Dizem que é um passaro eminentemente urbano. Não é verdade. Começa, sim, dominando as cidades, mas depois expande-se pelos arrabaldes, invade a zona rural e hoje já há muitos sítios e fazendas infestados de pardais.

O irritante é que não tínhamos essa praga. Já ouvi muitas versões desencontradas e diferentes sobre a importação do pardal, mas isto agora não interessa. O fato é que esse Cesar das aves veio, viu e venceu. Chegou, instalou-se, expulsou ou matou os outros passaros — e não quer outra vida. Como diz Alvaro Moreyra:

O pardal era francês, se chamava moanô.

Mas agora é brasileiro.

Já se naturalizou.

E' a tal coisa: país de imigração... Mas que saudade das andorinhas!